
EDUCAÇÃO AMBIENTAL E ENSINO DE GEOGRAFIA: ENTRE O COTIDIANO E A SALA DE AULA

ENVIRONMENTAL EDUCATION AND GEOGRAPHY TEACHING: BETWEEN EVERYDAY LIFE AND THE CLASSROOM

EDUCACIÓN AMBIENTAL Y ENSEÑANZA DE GEOGRAFÍA: ENTRE LA VIDA COTIDIANA Y SÁÇON DE CLASES

Ariel Costa dos Santos¹ <https://orcid.org/0000-0002-0482-3827>

¹Doutor em Geografia pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Professor efetivo da Universidade Federal de Rondonópolis (UFR), lotado no Departamento de Geografia. E-mail: ariel.costa.geo@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho nasce a partir de questionamentos sobre os impactos ambientais urbanos, feito pelos alunos do 6º ano do ensino fundamental, de uma escola pública da cidade de Rondonópolis, no estado de Mato Grosso, durante a aula de geografia. Destaca-se que, ao abordar questionamentos que referiam-se ao meio ambiente e ações antrópicas, os alunos pontuaram algumas problemáticas que os mesmos vivenciavam no seu dia a dia, com isso, emergiu a necessidade de se pensar a educação ambiental como prática pedagógica, partindo da sala de aula e indo ao encontro da realidade dos alunos. Neste contexto, visando sanar as dúvidas dos alunos e promover o debate atravessado por uma prática que não se restringisse somente a sala, buscou-se discutir sobre a educação ambiental e sua importância para a construção da cidadania, tomando como base para análise o próprio cotidiano dos alunos. Com isso, foi possível perceber, primeiramente que poucos alunos conheciam a importância da educação ambiental, já outros, por fatores estruturais, com falta de recursos ou acesso a informações adequadas não tinham ouvido falar, mas reconheciam a importância da preservação ambiental para a manutenção da vida no planeta.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Ensino de Geografia. Prática Pedagógica.

ABSTRACT

The present work is born from questions about urban environmental impacts, made by students of the 6th year of elementary school, in a public school in the city of Rondonópolis, in the state of Mato Grosso, during the geography class. It is noteworthy that, when addressing questions related to the environment and anthropic actions, the students pointed out some problems that they experienced in their daily lives, with this, the need to think of environmental education as a pedagogical practice emerged, starting from the classroom and meeting the students' reality. In this context, aiming to solve the students' doubts and promote the debate crossed by a practice that is not restricted to the classroom, we sought to discuss environmental education and its importance for the construction of citizenship, taking as a basis to analyze the daily life itself. from the students. With this, it was possible to notice, firstly, that few



students knew the importance of environmental education, while others, due to structural factors, lack of resources or access to adequate information, had not heard, but recognized the importance of environmental preservation for the maintenance of life on the planet.

Keywords: Environmental Education. Teaching Geography. Pedagogical Practice.

RESUMEN

El presente trabajo nace de preguntas sobre impactos ambientales urbanos, realizadas por alumnos del 6º año de la enseñanza fundamental, de una escuela pública de la ciudad de Rondonópolis, en el estado de Mato Grosso, durante la clase de geografía. Se destaca que, al abordar cuestiones que se referían al medio ambiente y las acciones humanas, los estudiantes señalaron algunos problemas que vivieron en su cotidiano, con ello, surgió la necesidad de pensar la educación ambiental como una práctica pedagógica a partir de la aula y conocer la realidad de los alumnos. En ese contexto, con el objetivo de resolver las dudas de los estudiantes y promover el debate atravesado por una práctica que no se restringió al aula, buscamos discutir la educación ambiental y su importancia para la construcción de ciudadanía, tomando como base para analizar el cotidiano. la vida misma de los estudiantes. Con esto, fue posible percibir, en primer lugar, que pocos estudiantes conocían la importancia de la educación ambiental, mientras que otros, por factores estructurales, con falta de recursos o acceso a información adecuada, no habían oído hablar de ella, pero reconocían la importancia de preservación ambiental para el mantenimiento de la vida en el planeta.

Palabras clave: Educación Ambiental. Enseñanza de la Geografía. Práctica Pedagógica.

INTRODUÇÃO

O exercício de interferência do homem na natureza não é algo que se restringe ao presente momento, mas retoma a tempos antigos, desde que o mesmo deixou de ser nômade e passou a se fixar na natureza e conseqüentemente transformá-la. Pontua-se que esta interferência, inicialmente, causava impactos irrelevantes sobre o meio ambiente, primeiramente pelo fato de haver um pequeno número de pessoas vivendo no planeta, posteriormente devido o homem não dispor de técnicas que lhe permitisse fazer grandes modificações (SENE e MOREIRA, 1998; GUERRA e CUNHA, 1996).

Com o passar do tempo e o avanço das técnicas, a natureza que antes era vista como parte da existência do homem, de forma indissociável, ganhou novos contornos atrelados ao desenvolvimento do capitalismo e passou a ser vista a parte, ou seja, apenas como forma de reprodução e exploração dos seus recursos (SANTOS, 1996). Ocorre então, a transformação da primeira natureza em segunda natureza. Neste momento, o homem passa a produzir os recursos indispensáveis à sua existência, incorporando em seu dia a dia os recursos da natureza, ao mesmo tempo em que a modifica (CASSETI, 1991).

É importante ressaltar, que dois eventos se apresentam como relevantes para a intensificação deste problemática. O primeiro foi o processo de industrialização, que se iniciou no continente europeu, mais precisamente na Inglaterra e posteriormente alcançou e transformou os outros continentes. O segundo evento, que é resultado do primeiro, foi o processo de urbanização, que gerou transformações nas cidades, emergindo então a necessidade de discutir tal temática com maior intensidade.

A partir desses processos de industrialização, o debate ambiental passou a compor fóruns e conferências mundiais, representando uma mundialização da questão ambiental (GUERRA; CUNHA, 1996). Neste contexto, ganham destaques um conjunto de conferências para pensar essa questão, entre os quais destaca-se primeiramente a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente, realizada em Estocolmo, na Suécia em 1972. No entanto, cabe destacar que quando se avança para os aspectos educacionais, aos quais o meio ambiente adentra como um tema, a denominada Educação Ambiental, antecede os eventos sobre o meio ambiente. Este termo foi usado em 1965 em uma discussão ocorrida na Universidade de Kiele na Inglaterra (EFFTING, 2007), na década seguinte ao uso do termo, escapa a discussão aos demais contextos mundiais.

Assim, dentro das discussões que envolvem as questões educacionais, a Conferência de Estocolmo é um marco político e histórico da Educação Ambiental, porém é somente no ano de 1975, em Belgrado na Iugoslávia, que se tem o primeiro encontro internacional voltado a Educação Ambiental, onde diversos pontos foram estabelecidos, criando assim a carta de Belgrado, que “expressava a necessidade do exercício de uma nova ética global, que proporcionasse a erradicação da pobreza, da fome, do analfabetismo, da poluição e da dominação e exploração humana”(EFFTING, 2007, p. 5). Neste encontro, se tem a Educação Ambiental como elemento essencial à educação mundial.

A Educação Ambiental é um elemento essencial para uma educação global, orientada para a resolução dos problemas, em favor do bem estar da comunidade humana. Acrescentou-se aos princípios básicos da Carta de Belgrado que a Educação Ambiental deve ajudar a descobrir os sintomas e as causas reais dos problemas ambientais, deve desenvolver o senso crítico e as habilidades necessárias para resolver problemas, utilizar diversos ambientes educativos e uma ampla gama de métodos para a aquisição de conhecimentos, sem esquecer da necessidade de realização de atividades práticas e de experiências pessoais, reconhecendo o valor do saber prévio dos estudantes. (EFFTING, 2007, p.07)

Desta forma, ocorrem consecutivas realizações de eventos que foram aprimorando essas práticas, Bernardes e Pietro (2010) mencionam o marco da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, a Rio-92 para a Educação ambiental, chamando a

responsabilidade para a sociedade civil mundial, exergando na Educação Ambiental o instrumento de transformação social.

Ocorrida dez anos após a Rio-92, em Joanesburgo, na África do Sul, a Rio+10 mostra ao mundo que aspectos das relações produtivas capitalistas permearam as questões ambientais, imprimindo uma característica de exploração econômica das pautas já postuladas, e a fragilidade dos setores sociais na implementação das ações e políticas ambientais. Conforme Layrarques (2012), os resultados dos investimentos em prol desta causa, trouxeram uma verdade assustadora, uma vez que se perceberam irrisórios avanços.

Passado mais uma década, ocorreu então a Rio+20, no ano de 2012, no estado Rio de Janeiro, destacando que as fragilidades no campo político-institucional prosseguiram dada a muitos aspectos postos como:

[...]baixa qualificação profissional não apenas entre alguns quadros técnicos dos gestores governamentais, mas também nos membros presentes nas instâncias colegiadas, que acumulam ainda a questão da fraca representatividade, muitas vezes não pertencendo ao campo da educação ambiental propriamente dito (LAYRARQUES, 2012, p. 3)

Dessa forma, a Rio+20 concluiu que as ações voltadas as questões ambientais mais uma vez eram usadas como estratégias de compensar os riscos do atual modelo de produção e consumo, sendo a Educação Ambiental voltada para questões sustentáveis¹, e como salienta Layrarques (2012), sem questionar o modelo civilizatório.

Todos esses pontos em torno da questão ambiental, repercute nas dinâmicas educacionais brasileiras de modo que, cria-se a Carta Brasileira de Educação Ambiental pelo Ministério da Educação, voltada às diversas esferas de ensino formais em níveis federais, estaduais e municipais. Frente a isso, esta temática passou a ser discutida não somente no âmbito global, como também nas escalas nacionais, municipais e locais, alcançando o espaço escolar na proposta de pensar uma Educação Ambiental (BERNARDES; PIETRO, 2010; EFFTING, 2007)

No Brasil, a Lei n. 9.795/99, que regulamentou a Educação Ambiental tanto na educação formal, quanto na informal e os Parâmetros Curriculares Nacionais, contemplaram o meio ambiente como tema transversal no ensino básico (SENE, 2011). A Geografia, neste contexto, apresenta-se como disciplina que oferece uma gama de possibilidades para que tal temática seja

¹ Pontua-se que no ano de 2022, encontrava em debate a realização da Conferência Internacional sobre Desenvolvimento Urbano Sustentável e Inclusivo (Rio+30), no mês de outubro. Contudo, pelo fato do evento ocorrer no mesmo mês do pleito eleitoral que definirá o novo chefe do executivo nacional, a conferência foi cancelada sem data prevista para realização.

abordada em sala de aula, promovendo a conscientização dos alunos em relação aos recursos naturais, sua utilização, destinação e os resultados desses processos para o meio ambiente.

Este relato se funda a partir da experiência com 26 alunos do 6º ano do ensino fundamental, de uma escola pública na cidade de Rondonópolis, estado de Mato Grosso. Frente aos questionamentos dos próprios alunos em relação aos impactos ambientais na cidade e seus desdobramentos, empreendeu-se pensar a temática no que tange a Educação Ambiental, tanto para sanar as dúvidas dos alunos, mas também por entender que este é um tema transversal² na geografia e deve ser trabalhado em sala de aula.

ENTRE O COTIDIANO E A SALA DE AULA

A casa, a escola, a rua, a praça são constituídas de práticas cotidianas, construídas a partir de experiências e atravessamentos com o lugar. Nestes lugares, as relações extrapolam a dimensão material, e encontra-se no âmbito da imaterialidade, vivenciada a partir de um conjunto de sentimentos com o entorno e como possibilidade de aprendizados para além da teoria. Pontua-se, portanto, a importância das perspectivas cotidianas, dialogarem constantemente com espaço escolar, como forma de promoção de outros olhares e formulação de outros saberes.

A geografia, enquanto uma ciência, que estuda as relações entre a sociedade e natureza numa perspectiva plural, emerge como possibilidade de compreensão do cotidiano e as relações que ocorrem no cenário escolar. Destaca-se que, lugar e cotidiano são abordados no contexto escolar como oportunidade de desenvolver habilidades e competências que contribuem para a formação cidadã e para a construção de conceitos constitutivos da especificidade do conhecimento geográfico e para o estabelecimento das bases da aprendizagem da geografia na escola básica (CALLAI, 2010).

A leitura de mundo conforme Brasil (2018), no que tange as aprendizagens em Geografia perpassa por estímulos espaciais e para que este ocorra se tem o desenvolvimento do raciocínio geográfico, e este perpassa a integração que os estudantes desenvolvem a partir de outros conhecimentos que atravessam sua trajetória de amadurecimento intelectual e, “ essa interação visa à resolução de problemas que envolvem mudanças de escala, orientação e direção de objetos localizados na superfície terrestre, efeitos de distância, relações hierárquicas,

² No que envolve a transversalidade da Educação Ambiental na Geografia, Alcântara (2015), aponta que o professor dispõe de diversos recursos de estímulo a aprendizagem, variando de aulas expositivas a práticas, demonstrações, discussões e debate. A partir destas possibilidades, que se elaborou os questionários a quais estudantes responderam e foi construído os resultados, que serão discutidos a seguir

tendências à centralização e à dispersão, efeitos da proximidade e vizinhança etc” (BRASIL, 2018, p.359).

Partindo do cotidiano e vivência dos alunos, destaca-se que o cenário para a realização da prática pedagógica foi a sala de aula de uma escola pública, localizada em um bairro periférico da cidade de Rondonópolis, estado de Mato Grosso, por entender que a mesma se constitui como uma das principais possibilidades de construção da cidadania e do pensamento crítico com relação a problemas enfrentados pela sociedade.

O trabalho pedagógico é, indiscutivelmente, necessário e importante à formação do cidadão. A Geografia, então, é uma disciplina que contribui com esta formação, pois traz em sua grande abrangência em relação às diferentes áreas do conhecimento o respaldo necessário à compreensão do homem enquanto sujeito ativo em um mundo extremamente dinâmico (BELO; FERREIRA, 2012).

Pensando a sala de aula, o início da proposta de pensar a Educação Ambiental ocorreu a partir de questionamentos dos próprios alunos, com relação aos impactos ambientais vivenciados por eles na cidade de Rondonópolis-MT, como por exemplo: a canalização dos rios para a construção de pontes devido à expansão urbana na cidade, animais atravessando as ruas, vivendo fora de seus habitats, desmatamento para construção de residenciais populares e esgoto a céu aberto em alguns bairros periféricos da cidade, assim como construção em locais irregulares.

A partir desta problemática apresentada pelos próprios alunos, foi proposto trazer a discussão com relação a Educação Ambiental³ para sala de aula. Neste contexto, em um primeiro momento, buscou-se contextualizar para os alunos sobre o percurso geohistórico da Educação Ambiental até os dias de hoje, discorrendo sobre as revoluções industriais, o processo de urbanização e seus impactos, assim como as conferências realizadas em escala global e local que trouxeram a preocupação com a temática para os debates.

Após este momento de apresentação e contextualização teórica, partimos para a prática, desta forma ocorreu o questionamento: Como poderíamos repensar os impactos ambientais, através da nossa realidade? As respostas dos alunos, com base nas suas vivências e experiências cotidianas, restringiram-se na necessidade de separação dos resíduos sólidos e a reutilização da água da máquina de lavar para outros fins.

³ Foi possível ressaltar a importância de discorrer sobre a Educação Ambiental como forma de construção de valores sociais que visem o bem comum e a dignidade humana buscando sempre o uso sustentável dos recursos naturais.

Tendo como campo norteador estas duas possibilidades para repensar os impactos ambientais no cotidiano, foi proposto aos alunos, analisar durante 15 dias como ocorria a destinação dos resíduos sólidos nas casas, bem como, qual era o destino da água da máquina de lavar após o seu uso. Após este interstício, foi proposto um questionário contendo três questões: a primeira questionava se ocorria a separação de resíduos sólidos, a segunda questionava se a água da máquina de lavar era reutilizada para outros fins, e a terceira, questionava o que os alunos pensavam sobre a educação ambiental.

1º questionamento: Ocorre a separação de resíduos sólidos em sua casa?

Com relação a primeira questão presente no questionário, exposto no gráfico abaixo, os alunos, após analisarem suas casas durante o período proposto, concluíram que a maior parte, ou seja em 24 casas, não separam os resíduos sólidos, apenas 2 alunos responderam que ocorre esta separação. Entre as principais falas, eles destacaram que não separavam porque não sabiam, ou nunca foram ensinados, principalmente porque não existem baldes de lixos suficientes em casa para tal feito. Contudo, cabe destacar que tal fato não ocorre, principalmente pela falta de acesso à informação, ou seja, a educação ambiental.

Gráfico 1 - Separação de resíduos sólidos



Fonte: Elaboração própria (2021)

Outro ponto importante apontado em conversa informal pelos alunos, foi que mesmo que separem os resíduos sólidos, os bairros onde os mesmos residem, que situam-se na parte periférica da cidade, não possuem coleta seletiva. Logo, segundo eles não faz sentido separar pois não existe um local adequado para a destinação.

2º questionamento: Ocorre o aproveitamento da água de lavar na sua casa?

No segundo questionamento, que se referia a reutilização da água da máquina de lavar para outros fins, 13 alunos apontaram que não ocorre a separação da água da máquina para reutilização, já os outros 13 apontaram que ocorre. Alguns discorriam que a água era utilizada para lavar a calçada de casa, outra parte apontava que água era utilizada para lavar o quintal de casa, e uma pequena parte apontava que era utilizada para molhar as plantas, mesmo que para tal ato, não seja adequado.

Gráfico 2 – Aproveitamento da água

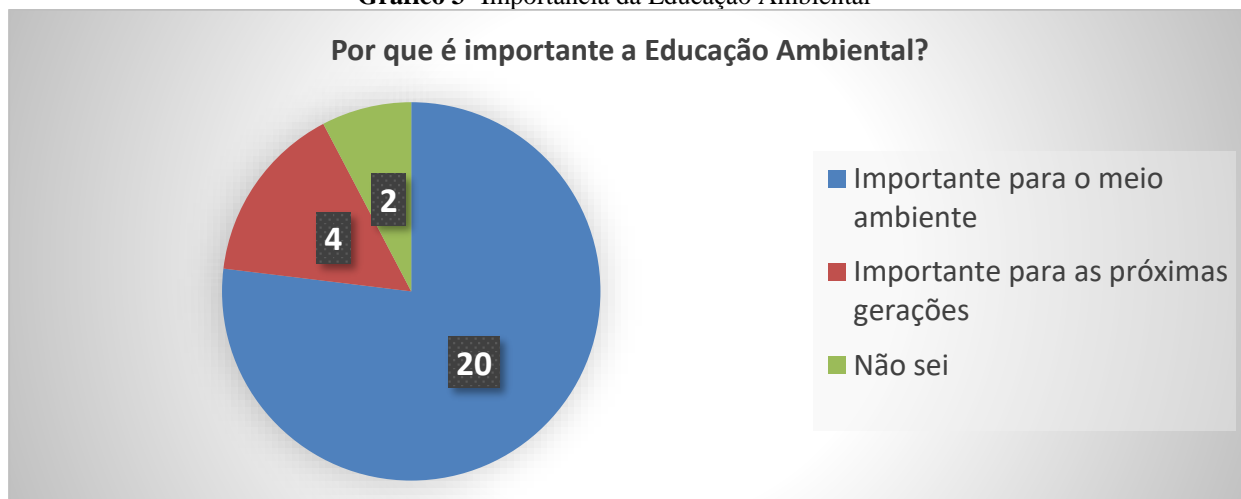


Fonte: Elaboração própria (2021)

3º questionamento: Para você qual a importância da educação ambiental?

Por fim, no último questionamento, os alunos deviam discorrer porque é importante pensar a Educação Ambiental. Após analisar a realidade na qual estão inseridos e como muitas vezes atitudes rotineiras causam impactos na natureza, 20 alunos acreditam que a educação ambiental é importante para a preservação do meio ambiente, 4 acreditam, com base nas aulas de Geografia que a educação ambiental é importante para preservar a natureza e para as próximas gerações, e por fim, 2 alunos não souberam responder se a educação ambiental é importante ou não.

Gráfico 3- Importância da Educação Ambiental



Fonte: Elaboração própria (2021)

Ao fim da proposta, foi possível perceber que os alunos passaram a ter uma outra percepção sobre a Educação ambiental. Alguns não tinham ouvido falar, outros não sabiam o que significava até o momento em que foi abordado em sala de aula de forma teórica, associado a situações cotidianas a partir da prática pedagógica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação Ambiental como tema transversal é de grande importância para a construção do conhecimento de mundo. Para além, é também necessária para a promoção de valores humanos. Desta forma, educar para o meio ambiente, é também educar para a cidadania e para a sociedade em que o ser humano se encontra inserido.

A Geografia, neste caso, apresenta-se como disciplina basilar para propor essas questões e promover não só a diminuição dos impactos ambientais, mas também o uso sustentável dos recursos naturais. Destaca-se que a formação desta compreensão não se restringe somente ao espaço escolar, mas a escola apresenta-se como de grande importância para que tal feito ocorra.

O cotidiano apresenta-se como espaço onde os aprendizados no que se refere a educação ambiental podem ser praticados. Neste contexto, uma prática pedagógica, que venha ao encontro com a realidade dos alunos oferece uma importante para formação da cidadania e a construção de um mundo mais equitativo.

Conclui-se, que a experiência enquanto prática pedagógica realizada com os alunos do 6º do ensino fundamental, a partir da educação ambiental aliada com o cotidiano, é fundamental para a conscientização com relação aos impactos ambientais, assim como, possibilita a construção da cidadania.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Viviane. Importância das Atividades de Campo no Ensino da Geografia e na Educação Ambiental no Desenvolvimento Consciência Crítica do Aluno. **Revista Eletrônica Uso Público em Unidades de Conservação**. Niterói, RJ. Vol 3, nº 7, 2015.

BELO, Evelyn Monari; FERREIRA, Gustavo Henrique Cepolini. A importância da geografia em sala de aula: o desafio de um ensino capaz de formar o cidadão. **Linguagem acadêmica**, v. 2, n. 2, p. 65-82, 2012.

BERNARDES, Maria Beatriz Junqueira; PRIETO, Élisson Cesar. Educação Ambiental: disciplina versus tema transversal. **REMEA-Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. 24, 2010.

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018

CALLAI, Helena Copetti. **Escola, cotidiano e lugar**. BUITONI, Marisía Margarida Santiago (organização). Geografia, ensino fundamental. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, p. 25-41, 2010.

CASSETI, Valter. **Ambiente e apropriação do relevo**. São Paulo: Contexto, 1991.

EFFTING, Tânia Regina. **Educação Ambiental nas Escolas Públicas: Realidade e Desafios. Marechal Cândido Rondon**, 2007. Monografia (Pós Graduação em “Latu Sensu” Planejamento Para o Desenvolvimento Sustentável) – Centro de Ciências Agrárias, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Campus de Marechal Cândido Rondon, 2007.

GUERRA, Antonio Teixeira; CUNHA, Sandra Baptista da. **Geomorfologia do Brasil**. Bertrand Brasil, 2006.

LAYRARGUES, Philippe Pomier. **Educação ambiental no Brasil: o que mudou nos vinte anos entre a Rio 92 e a Rio+20**. ComCiência, Campinas, n. 136, 2012.

SANTOS, Milton, **A Natureza do Espaço: Técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SENE, Eustáquio; MOREIRA, João Carlos. **Geografia geral e do Brasil**. Espaço Geográfico e Globalização, 1998.

SENE, José Eustáquio de. A educação ambiental como tema transversal no ensino de geografia: possibilidades e limites. **Revista Geográfica de América Central**, v. 2, n. 47E, 2011.

Artigo recebido em: 07 de dezembro de 2021.

Artigo aceito em: 31 de outubro de 2022.

Artigo publicado em: 31 de outubro de 2022.